COLLOQUIUM
REVISTA MULTIDISCIPLINAR DE TEOLOGIA

VOLUME 10, NÚMERO 1, CRATO – CE, SETEMBRO DE 2025.1 - ISSN 2448 2722

SUBMETIDO EM: 31/07/2025 ACEITO EM: 01/08/2025 - SEÇÃO 1: ARTIGOS

A BELEZA E O EQUILÍBRIO HOLÍSTICO NA PREGAÇÃO: A HARMONIA ESTÉTICA E A CENTRALIDADE DA GLÓRIA DE DEUS NA COMUNICAÇÃO DO SEU CONHECIMENTO

Beauty and holistic balance in preaching: aesthetic harmony and the centrality of God's glory in the communication of his knowledge

Rony Wanderson Coelho[1]
Lattes: http://lattes.cnpq.br/5516099716795349

DOI: https://doi.org/10.58882/cllq.v10i1.204

RESUMO: A pregação cristã, por sua complexidade e importância, exige uma abordagem teológica que integre seus diversos elementos com equilíbrio e profundidade. Este artigo propõe uma reflexão sobre a teologia da pregação a partir da tríade clássica "verdade, bondade e beleza", com ênfase na beleza, entendida tradicionalmente como harmonia, coerência e completude. Partindo da Filosofia da Ideia Cosmonômica de Herman Dooyeweerd, o estudo considera a diversidade dos aspectos modais da realidade como fundamento para uma visão holística da pregação. Argumenta-se que uma teologia da beleza, ancorada na glória de Deus, é essencial para evitar reducionismos estéticos ou subjetivismos sentimentais. A estética contribui significativamente para a comunicação fiel e criativa da revelação bíblica, sobretudo quando se considera o conhecimento literário nas Escrituras. Assim, a beleza pode enriquecer a pregação ao ampliar sua capacidade de expressar o conhecimento da glória divina de forma integral e comunicativa.

PALAVRAS-CHAVES: Pregação; estética; equilíbrio holístico; aspectos modais.

ABSTRACT: Christian preaching, due to its complexity and importance, demands a theological approach that integrates its various elements with both balance and depth. This article proposes a reflection on the theology of preaching through the lens of the classical triad "truth, goodness, and beauty," with an emphasis on beauty, traditionally understood as harmony, coherence, and completeness. Drawing on Herman Dooyeweerd's Philosophy of the Cosmonomic Idea, the study considers the diversity of the modal aspects of reality as the foundation for a holistic vision of preaching. It is argued that a theology of beauty, anchored in the glory of God, is essential to avoid aesthetic reductionisms or sentimental subjectivism. The aesthetics contributes significantly to the faithful and creative communication of biblical revelation, especially when the literary knowledge within the Scriptures is taken into account. Thus, beauty can enrich preaching by expanding its capacity to express the knowledge of divine glory in an integral and communicative manner.

KEYWORDS: preaching; aesthetics; holistic balance; modal aspects.

---

1. Possui graduação em Bacharel em Química, pela Universidade Federal do Ceará e Bacharel em teologia pela Faculdade Batista do Cariri (2024)

INTRODUÇÃO

A homilética, arte da exposição bíblica eficaz, é uma disciplina abrangente e engloba muitas áreas do conhecimento. A estética pode enriquecer significativamente a comunicação dos sermões bíblicos, oferecendo uma contribuição essencial ao trabalho do pregador. Contudo, a estética é apenas um dos fundamentais. Na filosofia cristã, uma tríade clássica tem sido destacada como um resumo célebre para descrever a realidade do conhecimento de Deus, trata-se da tríade clássica: verdade, bondade e beleza. Cada um desses conceitos engloba um aspecto essencial da comunicação de Deus em sua Criação. A verdade associa-se à qualidade do conteúdo; a bondade, à qualidade moral e piedosa; a beleza, à qualidade da expressão, da forma e da harmonia holística do belo. No presente artigo, será explorado o aspecto harmônico da beleza na pregação, em conexão à essa tríade.

Há uma relação mútua e uma unidade interna nessa tríade. Isso é ainda mais perceptível no aspecto estético, principalmente no que se refere à comunicação, à expressão e à abrangência harmoniosa da integralidade da realidade, a partir de uma concepção clássica do belo. Em vez de ser reducionista ou extremamente abstrata, a pregação precisa buscar um equilíbrio holístico e abrangente, de modo a considerar os diferentes aspectos da revelação e da realidade. Partindo desse ponto, este artigo aborda a contribuição de uma estética da pregação para a comunicação do conhecimento de Deus, partindo, inicialmente, da beleza. A aplicação da tríade clássica à pregação visa considerar a amplitude da revelação e do relacionamento entre o crente e Deus, a partir da comunicação do conhecimento de Deus.

Antes de analisar a interação entre pregação e beleza, é necessário definir brevemente os conceitos de beleza e estética. Hans Rookmaaker (2018, p. 198)

define sucintamente estética como “a teoria filosófica da beleza”. Segundo o autor (2018, p. 198-200), desde o século XVIII, a estética seguiu uma via intelectual quase rígida; contudo, no século XX, foi possível perceber uma aproximação ampla dessa disciplina com os aspectos mais práticos das artes. Este autor faz um breve apanhado da história da estética, e, para ele, um dos dois principais filósofos clássicos que exploraram a estética foi Aristóteles, que, dentre outros aspectos, concebia a estética relacionada à coerência e à completude.

Para Rookmaaker (2018. p. 200-202), a beleza é algo de difícil definição, mas está intimamente relacionada, por exemplo, à verdade, ao amor, à realidade, à vida, à justiça, ao sentido e à sensibilidade. Desenvolvendo o pensamento de Herman Dooyeweerd, Rookmaaker (2018. p. 46, 200-202) afirma que o sentido do aspecto estético está na harmonia bela, considerando-se os diversos aspectos da realidade. É esse fator holístico que esse artigo procura considerar como sendo indispensável à prática geral da pregação bíblica.

Diante desse contexto inicial, é necessário tratar da seguinte questão: existe alguma relação entre beleza e pregação? Sim, em várias dimensões. Segundo Roger Scruton (2013, p. 11), por englobar praticamente toda categoria ontológica, ou seja, do ser, em essência, a beleza é um aspecto que pode ser percebido nos mais diversos elementos da realidade. Assim, a beleza não descreve necessariamente apenas os aspectos do mundo físico. Pensando nisso, Scruton (2013, p. 11-14) comenta que a ideia de beleza, especialmente aquela expandida por cristãos, como Agostinho e Tomás de Aquino, a partir da filosofia de Platão, Plotino e Aristóteles, é especialmente relevante e tem influenciado alguns pensadores a destacarem a importância da tríade verdade, bondade e beleza para justificar o porquê algo é considerado, respectivamente, crível, desejável e capaz de inspirar contemplação.

Considerando-se o equilíbrio dessa tríade, ao se pensar em uma estética da pregação, as técnicas estético-homiléticas não devem ignorar a intenção moral dos autores bíblicos e o significado objetivo pretendido por eles. Ao longo de sua obra "Há um significado neste texto?", Kevin Vanhoozer (2005) aborda a objetividade da interpretação textual, com foco na defesa da perspicuidade da comunicação natural do texto bíblico. Vanhoozer (2005, p. 244-45) demonstra que existe um ponto médio entre a interpretação absoluta e a anárquica, ou seja, há um significado específico pretendido pelo autor bíblico, mas há também uma diversidade de direções que a intenção original considerou. O texto possui um significado objetivo e único, mas, ainda assim, há nele certa amplitude significativa; porém, certa inesgotabilidade do texto não implica a sua indeterminação, ou seja, a inexistência de um significado original objetivo e necessário, pois o texto comunica conteúdo de modo seguro.

Somente tendo posto esse ponto como fundamento inicial, pode-se, então, relacionar a interpretação do texto aos elementos estéticos dele, já que a pregação bíblica concentra-se, principalmente, na exposição de textos, especificamente, as Escrituras Sagradas. Partindo desse ponto, torna-se importante refletir sobre a relevância da natureza estética textual das Escrituras para a comunicação de seu significado. O bom pregador, então, deve ser capaz de lidar adequadamente com o texto bíblico em todos os seus aspectos. Vanhoozer (2005, p. 403-404) ressalta que a devida consideração do tipo de literatura e da forma do texto é algo indispensável para a compreensão e a comunicação do seu significado.

A BELEZA CONCRETA DO SENTIDO: A CONTRIBUIÇÃO DO CONHECIMENTO LITERÁRIO PARA A INTERPRETAÇÃO E A APROPRIAÇÃO DO SIGNIFICADO

Pregar as Escrituras envolve muito mais que expor seus aspectos léxico-gramaticais, pois o intérprete tem também a responsabilidade hermenêutica de

considerar a forma do conhecimento literário de cada tipo de texto. Vanhoozer (2005, p. 245, 454-456) aponta que os textos comunicam significados em múltiplos níveis, não podendo ser reduzidos a um único (e.g., literal, unívoco); em vez disso "[...] os textos são atos comunicativos que podem ser descritos em diversos níveis", conforme a intenção original do autor. Assim, a execução efetiva da hermenêutica significa mais do que a mera aplicação inexpressiva de determinados princípios metodológicos, ela requer que o intérprete exerça "bons julgamentos"; ou seja, o significado dos textos não pode ser devidamente identificado até que o intérprete exerça, também, as "[...] sensibilidades morais e estéticas, a sabedoria e o discernimento para percebê-lo" (Vanhoozer, 2005, p. 244-245).

Portanto, o aspecto estético do texto é indispensável para o expositor bíblico, pois o pregador é um leitor-comunicador do significado integral do texto. Vanhoozer (2005, p. 444-445, 474-481) reforça essa atitude ao afirmar que cada um dos autores dos quatro Evangelhos é um agente estético, e isso destaca a importância de não se ignorar esse aspecto na comunicação do significado dos textos. Se o intérprete bíblico perde o foco essencial de entender aquilo que o texto pretende comunicar integralmente, o que inclui o aspecto estético, o público, então, acaba recebendo apresentações incompletas ou errôneas das Escrituras.

Mais do que simplesmente apresentar uma explicação particular e mecânica do texto, o pregador deve explorar seu significado de forma orgânica e viva, utilizando os diversos recursos que o próprio texto oferece. Isso inclui os aspectos estéticos da Bíblia. Durante seu ministério, o pregador também deve desenvolver, na medida do possível, a capacidade dos ouvintes de lidarem com a complexidade, a riqueza e a beleza do texto bíblico, a fim de que desfrutem de exposições mais integrais das Escrituras e apropriem-se de maneira mais holística do seu significado. Quanto a isso, é preciso fazer alguns apontamentos.

Quando se lida com o texto bíblico, pregadores frequentemente têm sido atraído a dois pólos, como ilustra Kevin Vanhoozer (2005, p. 473), a partir da definição de "conhecimento literário", o qual engloba duas perspectivas: o conhecimento sobre o texto – as circunstâncias de sua composição, suas condições sócio-históricas, as características linguísticas e estéticas do texto; e o conhecimento daquilo sobre o que o texto trata – eu assunto, aquilo que o autor está essencialmente comunicando. Vanhoozer (2005, p. 472-474) indica que é possível lidar com o primeiro tipo apenas expondo uma análise não significativa do texto, como alguns críticos literários fazem. Isso equivale a tratar o texto sem comunicar eficazmente o segundo tipo de conhecimento literário, ou seja, apenas destacando as características literárias como, por exemplo, sua estrutura, os elementos literários, as conexões e assim por diante.

Contudo, diz Vanhoozer (2005, p. 473-474), "[…] o conhecimento sobre o texto não é necessariamente o mesmo que o conhecimento daquilo sobre o que trata o texto (isto é, seu significado)". Para afirmar isso, Vanhoozer (2005, p. 475) concorda com Gilbert Ryle quanto ao conceito de "descrição densa", pois declara que uma descrição é suficientemente densa quando ela torna o leitor capaz de apreciar tudo aquilo que o autor está "fazendo" em seu texto. Vanhoozer (2005. p. 344, 472-474) é ousado, pois afirma que o Novo Testamento "[…] retrata a linguagem (e.g., parábolas, pregação) como possuidora do poder de transformar a vida das pessoas", pois ela está imediatamente conectada à faculdade cognitiva necessária à crença verdadeira, que foi devidamente projetada por Deus para isso.

Portanto, a exposição do texto bíblico precisa levar em conta essa perspectiva, que foi implantada no ser humano pelo próprio Deus, relacionada ao exercício de sua fé. Assim, a perspectiva da linguagem literária das Escrituras não deve ser negligenciada pelo pregador. Este deve, de modo integral, explorar o

conhecimento literário do texto, para comunicar o conhecimento de Deus aos ouvintes. E, como já mencionado, esse aspecto está relacionado à beleza do texto, ou seja, ao âmbito da estética da comunicação.

A análise e o estudo das partes do texto são essenciais para sua compreensão, e isso inclui suas características literárias. Contudo, é preciso ter cuidado para que, ao dividir-se o conteúdo e a forma, a ideia e a expressão estética, essa análise fragmentadora não venha a destituir o conhecimento literário do texto de sua vida peculiar própria. Como intérprete, o pregador corre o risco de cometer tal erro no que se refere à sua própria compreensão do texto, o que será refletido na comunicação feita aos ouvintes. Vários autores têm enfatizado a importância dos aspectos artísticos e estéticos da Bíblia como algo relevante para a pregação; contudo, é preciso que tais aspectos sejam explorados de modo adequado e equilibrado, como discutido mais adiante. Ryken (2023, p. 9-14, 22-23; e 2017, p. 15) afirma que a interação cristã com as Escrituras não equivale a apreciação de uma obra de arte, mas inclui também, de certo modo, o aspecto artístico e estético. Assim, a apreciação das Escrituras a partir de seus elementos artísticos é um ponto bastante relevante para o pregador.

Considerando a importância da unidade estética de uma obra de arte, Croce (2016, p. 43, 59, 64, 149-150) diz que a expressão estética é uma fusão das impressões em um todo vivo e orgânico; por isso, ao expor o conteúdo de uma obra de arte de modo desmembrado e isolado, perde-se sua expressão. Isso se assemelharia à dissecação de um ser vivo, na qual a divisão do seu organismo em coração, cérebro, nervos, e músculos transforma-o num cadáver. Como Croce (2016, p. 149-150) afirma, em uma análise realmente estética, é impossível separar o aspecto subjetivo do objetivo, pois a lógica (o conceito) é inseparável da gramática (a estética) e precisa ser comunicada unida a ela, pois a expressão é um todo indivisível.

Para Vanhoozer (2005, p. 688): “O intérprete atento lê a Escritura como ato comunicativo complexo que envolve uma dimensão histórica ou referencial, uma dimensão formal ou estética, e uma dimensão ideológica ou avaliadora”. Vanhoozer (2005, p. 687-688) diz que ignorar essa atitude geralmente resulta na imposição indevida de tendências pessoais sobre o texto, o que é considerada uma conduta antiética ou, como se pode dizer, uma negação da bondade. Em vez disso, para Vanhoozer (2005, p. 687-688), deve-se considerar a intenção do autor e o todo que ele pretendeu originalmente imprimir em seu escrito. O intérprete responsável procurará ser atento às suas interpretações, de maneira a não impor sobre o corpo literário sua própria condição e sentimentos. O modo subjetivista de expor o significado do texto bíblico limita o alcance original pretendido pelo autor.

A FÉ E A HARMONIA DO BELO NA COMUNICAÇÃO HOLÍSTICA DA VERDADE: A FILOSOFIA DA IDEIA COSMONÔMICA APLICADA A EPISTEMOLOGIA TEOLÓGICA INTEGRAL DA PREGAÇÃO

A fim de refletir sobre uma proposta equilibrada para a teologia na pregação e exposição bíblica, a presente pesquisa destaca a filosofia de Herman Dooyeweerd, que contribuiu com o desenvolvimento de um aparato filosófico orientado biblicamente que é muito significante para o cristianismo contemporâneo, especialmente para a avaliação dos pressupostos inconscientes que afetam todos os sistemas de conhecimento. Esse aparato é chamado de Filosofia da Ideia Cosmonômica (Kalsbeek, 2015. p. 13-27).

Kalsbeek (2015, p. 31, 35-37,75, 84-88, 156, 160) aponta que Dooyeweerd se propôs a investigar acuradamente a estrutura revelada na realidade temporal. Para isso, uma das marcas da Filosofia da Ideia Cosmonômica são a análise e a descrição sistemáticas das estruturas de individualidades, isto é, as estruturas dentro da Criação, ou seja, as coisas concretas, os eventos, as ações e os pro-

cessos. As análises e descrições feitas por Dooyeweerd baseiam-se na cadeia crescente dos quinze aspectos modais da realidade temporal e cósmica da Criação. Esses aspectos modais, também chamados de lados do ser criatural ou aspectos de sentido, possuem um caráter mutuamente irredutível, ou seja, são totalmente distintos e inconfundíveis – não podem ser reduzidos ao sentido um do outro. Ainda assim, a manifestação de cada um desses aspectos modais ocorre em uma correlação intrincada com os demais, em coerência e mutualidade inseparáveis. Esses aspectos são, também, distintivos, pois qualificam os elementos dentro da Criação, de acordo com seu sentido próprio.

Quais são esses sentidos? Para Dooyeweerd (2015, p. 55-57, 60-61), na ordem temporal, a realidade criada apresenta uma variedade de quinze aspectos ou modos de ser também chamados de esferas modais. Esses aspectos de sentido são: número, espaço, movimento, aspecto físico e químico, vida orgânica, sentimento emocional (psíquico), distinção lógica, desenvolvimento histórico e cultural, significado simbólico, interação social, valor econômico, harmonia estética, lei (“jurídico”), avaliação moral e certeza de fé. Para Dooyeweerd (2015. p. 47-49, 55-57), cada uma das diversas ciências e áreas do conhecimento concentra-se numa dessas esferas.

Assim, surge a questão: de que modo a fé qualifica a pregação e a teologia? A resposta se encontra na relação da fé com as demais esferas de sentido. Dooyeweerd (2015. p. 47-49, 55-58, 60-62, 75) diz que, quando se tende a tomar uma das quinze esferas de sentido como absoluta, ou seja, como a totalidade da realidade, um tipo de reducionismo idólatra surge. Por isso, a própria experiência humana com a Criação deve levar em conta a totalidade dessas esferas, bem como sua soberania individual e sua relação mútua umas com as outras.

Por exemplo, Dooyeweerd (2015, p. 108-109, 111-112, 118-119) diz que a fé não deve ser entendida como mero sentimento de confiança ou certeza, pois

engloba cada uma das quatorze esferas de sentido que a precedem, conforme a ordem progressiva dada na lista acima. Por isso, a fé, qualificada na esfera pística, não deve ser reduzida a qualquer um desses aspectos. Mas, embora esteja na última posição, como função limite da vida humana – por conter todos os outros aspectos modais – a fé não é, em si mesma, a unidade religiosa básica do homem, ou seja, ela não é a própria fonte da religiosidade humana, mas sua expressão. Diante disso, surge o caráter essencial de uma compreensão equilibrada da fé e da pregação.

Para Dooyeweerd (2015, p. 44), o ponto focal religioso da existência humana é o conceito bíblico de coração: todos os seres humanos, quer de maneira apóstata ou não, tem um coração religioso, ou seja, interagem com a fé. Mas, conforme Dooyeweerd (2015, p. 45-49, 55-57, 60-62, 75, 108-109, 111-112, 118-119), a Queda afetou drasticamente a experiência humana com a realidade, de modo que os seres humanos passaram a idolatrar e absolutizar estruturas qualificadas pelas outras esferas, resultando, por exemplo, no materialismo, no cientificismo, no historicismo, no psicologismo e até no biblicismo.

Então, para Dooyeweerd (2018, p. 48-49, 168, ênfase original), a experiência humana neste mundo temporal ocorre, como um todo, a partir da grande diversidade dessas modalidades: os quinze aspectos fundamentais destacados mais acima, que, em si, não são “os fenômenos concretos da realidade empírica”, ou seja, eles “[...] não se referem, como tais, a um concreto *que*, isto é, a coisas ou eventos concretos, mas apenas a um *como*, isto é, o modo particular e fundamental, ou a maneira pela qual os experimentamos”. Para esse autor, essas esferas estruturam a diversidade modal de sentido de toda a realidade, conforme o ato criativo intencional de Deus, realizado no princípio, e, por isso, as leis de cada uma das esferas de sentido foram constituídas intrinsecamente à lei divina, ou seja, todos os aspectos modais foram determinados por Deus para existirem

em sua criação de acordo com o mandamento de amar ao Senhor e ao próximo (Dooyeweerd, 2018. p. 48-53, 168-170).

A reflexão sobre essa teoria dooyeweerdiana é relevante para a pregação naquilo que contribui para uma compreensão holística e integral sobre o ser humano, a Criação e a fé. O pregador precisa ter um entendimento orgânico e abrangente da realidade, a fim de poder compreender corretamente a revelação e, assim, transmiti-la, a partir da amplitude real e essencial que ela possui como um todo, levando em conta as necessidades de seus ouvintes como criaturas feitas para conhecerem e amarem a Deus dentro da estrutura modal da criação, porém, de modo integral e transcendente, como diz o autor (Dooyeweerd, 2018, p. 49, 169).

Segundo Dooyeweerd (2018, p. 51-53), cada um desses aspectos ou modos da experiência possui um núcleo modal, o qual garante à esfera em questão o seu significado específico e irredutível. Esse núcleo define a soberania de cada esfera com relação às outras. No entanto, o núcleo modal de sentido de cada esfera expressa-se em inúmeros relacionamentos com o núcleo das demais esferas, e Dooyeweerd chama esses relacionamentos intermodais de analogias ou momentos analógicos. Por isso, apesar de cada um desses aspectos modais possuir um núcleo de sentido próprio, que o define, essas esferas de sentido da realidade expressam-se em relacionamentos umas com as outras, interagindo com os núcleos modais de todos os outros aspectos, quer seja uma modalidade antecedente ou posterior na ordem temporal, conforme sequência descrita na lista destacada mais acima.

A proposta desse artigo é que, se o pregador estiver ciente da relação que a fé possui com os demais aspectos modais da realidade, então sua pregação apresentará um caráter mais equilibrado e completo. É por essa razão que, neste

trabalho, explora-se a teoria dooyeweerdiana das esferas modais, aplicando-a à fé e aos fundamentos da pregação.

A fé é parte central da natureza da pregação. Ao definir essa função modal, Dooyeweerd (2015, p. 111) diz que ela não pode ser suficientemente descrita como “certeza intuitiva”, assim, deve-se tomá-la como bem mais que um simples sentimento místico e religioso. É claro, diz Dooyeweerd (2015, p. 111-116), que a fé pertence à ordem temporal do mundo, como todas as outras esferas de sentido que a antecedem. Apesar disso, o aspecto da fé é o último na escala da ordem temporal e “[...] está relacionado ao que transcende o tempo: a saber, o fundamento absoluto e origem de toda a vida temporal” (Dooyeweerd, 2015, p. 111). Assim, como dito acima, a esfera da fé possui sentido em todos os outros aspectos modais, os quais lhe antecedem, mas tem relação direta com a realidade transcendente.

O aspecto da fé apresenta o que Dooyeweerd (2015, p. 112) chama de “retrocipações” ou “antecipações” em todas as demais esferas: o sentido da fé possui momentos de analogias com as modalidades anteriores, cada uma das quinze esferas que o antecede. Ou seja, o núcleo da esfera da fé interage com o núcleo de sentido de cada um dos demais aspectos modais precedentes na ordem temporal das esferas. Dooyeweerd (2015, p. 111-116) afirma que, como as demais esferas de sentido estão em posição anterior ou antecipada em relação à fé, na ordem dos aspectos modais, a esfera pística, ou seja, da fé, ele engloba cada uma das demais, como por exemplo, as funções orgânica, física, lógica e linguística. Então, já que a fé é parte fundamental da pregação, é preciso considerar sua relação com os demais aspectos.

Dooyeweerd (2015, p. 111-116) aponta algumas dessas retrocipações do aspecto da fé, que estão: na esfera jurídica (como por exemplo, a justificação pela fé); na esfera estética (na qual, por exemplo, um sentido de harmonia pode

ser demonstrado na obra bela de Deus ao conduzir a humanidade a uma verdadeira comunhão com ele); no aspecto econômico (em que a fé reconhece o valor de Deus, destacado, por exemplo, pelo conceito de "sacrifício", seja aquele realizado por Cristo ou pelo indivíduo); no aspecto das relações sociais (na comunhão dos crentes com Deus e uns com os outros); no aspecto linguístico (por meio do qual o Espírito Santo comunica ao homem o conteúdo simbólico e proposicional das Escrituras); na modalidade histórica (em sua ligação com os fatos narrados tanto no Antigo como no Novo Testamento); no aspecto lógico (quanto ao discernimento conceitual-espiritual dos fundamentos da fé, esclarecidos pela orientação transcendente do Espírito Santo); na esfera psicológica (em que sentimentos e emoções são experimentados e demonstrados diante da fé nas verdades da Palavra de Deus); e na esfera biótica (perceptível pelo desenvolvimento gradual da fé ao longo da maturação dos diversos elementos da vida).

A consideração das analogias da esfera pística nos demais aspectos modais é vital para o equilíbrio e abrangência da pregação. Além das analogias da fé mencionadas acima, várias outras poderiam ser identificadas com base na lista completa das esferas modais. Contudo, apesar das inúmeras relações profundas com os demais núcleos de sentido, a fé não pode ser reduzida a qualquer um deles. Por isso, o pregador precisa estar consciente e ativo ao refletir sobre as diversas relações intermodais e também como elas afetam a comunicação da fé cristã.

INTUIÇÃO ESTÉTICA E MOTIVO BASE RELIGIOSO: A CONTRIBUIÇÃO GERAL DA ESTÉTICA PARA A COMPREENSÃO TEOLÓGICA DA PREGAÇÃO E DA INCLINAÇÃO BÁSICA DO CORAÇÃO

Diante disso, é perceptível que a fé possui em si um caráter diversificado, que inclui o aspecto estético. Esse sentido da fé não deve ser ignorado na construção dos sermões. Contudo, a esfera estética de sentido não deve dominar ou

desfigurar o sermão, pois este deve levar em conta todas as modalidades da existência de sentido, essencialmente a própria fé. Mas uma ideia distorcida da fé produzirá sermões desequilibrados, como, por exemplo, quando a fé e o sermão são centralizados no aspecto estético. Dooyeweerd (2015, p. 113) diz: "De fato, toda tentativa de compreender a fé esteticamente resulta na desnaturação da fé. Mais precisamente pelo fato de a fé orientar todos os aspectos da realidade para Deus, o aspecto da fé entrelaça-se com o aspecto estético também". Portanto, a estética não é a guia máxima para a fé e nem para a pregação, mas devem ser consideradas juntamente com ela.

Para refletir sobre a contribuição da estética da expressão para a pregação, é útil dispor de alguns conceitos de Benedetto Croce, filósofo italiano. Croce (2016, p. 27, 33, 35, 41, 45, 47, 62, 67, 70, 73, 79-82) desenvolveu um sistema filosófico que descreve a realidade humana em dois níveis gerais: a atividade teorética e a atividade prática. A primeira se refere ao conhecimento humano, já a segunda, a interação do homem com o mundo. Além disso, todo conhecimento, isto é, a atividade teorética, existe em duas formas: conhecimento intuitivo e conhecimento lógico. O primeiro também pode ser definido como: conhecimento pela imaginação, conhecimento do universal, das coisas singulares, o qual produz imagens. Já o segundo, é intelectual e trata dos universais, das relações entre as coisas, e produz conceitos.

Para Croce (2016, p. 29, 35, 41, 45, 62), o conhecimento intuitivo pode ocorrer sem o conceitual, mas o conhecimento conceitual jamais ocorre sem o intuitivo. O conhecimento intuitivo envolve, por exemplo, percepções, impressões e representações, e está para além de conceitos, mas, ainda assim, toda verdadeira intuição é expressão subjetiva e também objetiva. Segundo esse autor, a estética está aderida a esse conhecimento intuitivo, pelo qual o ser humano exprime-se, de modo geral.

Croce (2016, p. 33) diz que: “O espírito não intui senão ao fazer, ao formar, ao expressar. Quem separa a intuição da expressão, nunca mais conseguirá reuni-las”. Considerando que a intuição, para esse autor, é uma atividade do “espírito”, é importante destacar que ele usa esse termo no âmbito filosófico, e não intencionalmente no sentido religioso. Na verdade, Croce (2016, p. 79-82) considera a religião como um conhecimento superado, imperfeito e inferior, alheio à verdadeira atividade teorética; por isso, ele se considera um antimetafísico. Isso, porém, é um grave erro, por ser um reducionismo quanto à real amplitude da Criação, como já apontado acima pela teoria dooyeweerdiana.

A teoria de Croce, no entanto, é útil para uma reflexão estética sobre a pregação e a comunicação teológica, pois o sermão tem caráter de expressão e certos aspectos artísticos, os quais serão intuídos pelos ouvintes. Croce (2016, p. 29, 33) diz que intuição e expressão são inseparáveis, no entanto, a expressão é mais do que comunicação verbal, pois abrange todo tipo de manifestação humana, como por exemplo: a produção de um orador, ou músico, ou pintor, ou cartógrafo ou de alguém que traça uma figura geométrica. Por isso, pode-se dizer que os diversos elementos de um sermão podem ser incluídos na teoria de Croce.

Para Croce (2016, p. 33), quando há intuição, então há expressão, sendo as duas inseparáveis, e isso se aplica também ao processo cognitivo, pois ele diz: “A cada um é dado experimentar a luz interior que se apresenta quando consegue formular para si mesmo, no mesmo momento em que consegue, suas impressões e seus sentimentos”. Na cognição: “Sentimentos e impressões passam, por força das palavras, da região obscura da psique à clareza do espírito que contempla [...] Ambas [intuição e expressão] surgem no mesmo instante, porque não são dois, mas um só ato” (Croce, 2016, p. 33).

Para Croce (2016, p. 35), alguns possuem capacidades intuitivas e expressivas mais desenvolvidas, como os artistas, mas cada pessoa tem em si “um

pouco de pintor, de escultor, de músico, de poeta, de prosador", pois "[...] intuir é exprimir, e nada mais que exprimir (nada mais e nada menos)". A estética seria a ciência do conhecimento intuitivo e o verdadeiro análogo da lógica. Por isso, esse autor afirma que, não só o caráter conceitual, mas também o caráter teorético da estética produz conhecimento. A arte possui capacidades únicas de gerar conhecimento singular, ou seja, simples e formal. Esse conhecimento não deve ser identificado como mero sentimento ou reação psíquica, mas como comunicação de verdade ao "espírito" (Croce, 2016, p. 41, 47, 62).

Apesar da distinção entre o conhecimento estético e o conceitual, eles não estão separados. Como mencionado acima, o conhecimento intelectivo é dependente da forma estética. Sem intuição, os conceitos não existem, e uma concepção inexata da estética leva a uma lógica também inexata, fragmentada, incompleta e por demais abstrata. A pregação precisa levar em conta esses dois tipos de conhecimento. Tais contribuições de Croce sobre o entendimento estético do conhecimento trazem implicações profundas para a expressão verbal e não verbal. Isso pode ser considerado tanto na arte quanto na teologia, uma disciplina eminentemente comunicativa, com implicações na relação entre a verdade objetiva e subjetiva apresentada na Bíblia.

Na pregação, a intuição estética pode ser considerada, por exemplo: na construção das sentenças, levando-se em conta tanto o caráter objetivo quanto o subjetivo do conhecimento; na clareza das construções, considerando as capacidades intuitivas e expressivas dos ouvintes; na consciência de que nem todo conhecimento teológico é mero fruto da lógica; na verdade de que a intuição teológica não se resume a simples impressões e sentimentos pessoais; e no fato essencial de que o pregador e teólogo precisa pessoalmente ter intuído claramente o conteúdo da fé cristã a partir das Escrituras, a fim de poder comunicá-lo expressivamente aos outros.

Contudo, apesar de suas contribuições, Croce permanece ignorante sobre as bases religiosas de seu sistema teorético. Ao excluir a genuinidade da fé como elemento de conhecimento humano, ele não apenas limita sua teoria, mas também se mostra alheio às influências religiosas que seu próprio coração possui. A partir da teoria de Dooyeweerd, percebe-se que Croce deu uma importância desmedida à esfera estética da realidade, que em alguns aspectos, precisa passar por um olhar mais cuidadoso. Apesar de criticar o esteticismo, ele coloca a estética, no que se refere à intuição, em um patamar que precisa ser criteriosamente avaliado.

Como diz Dooyeweerd (2018, p. 73, 76-94, 166-171, 240-241), a diversidade de aspectos de sentido e as relações intermodais que existem são frequentemente ignoradas pelos seres humanos, devido à inclinação idólatra de seus corações, que tendem a absolutizar uma ou mais esferas da realidade em detrimento das outras. Esse impulso apóstata do coração para longe de Deus e em direção ao horizonte temporal, ou seja, para qualquer um dos aspectos modais da realidade temporal criada, ocorre devido aos diferentes "motivos base" apóstatas que a humanidade tem abraçado ao longo da história. A inclinação religiosa básica dos corações humanos afetou sua forma de conhecimento da realidade, pois o pensamento teórico não é "uma substância independente" ou neutra, já que está ligado ao eu ou ego humano, o centro e unidade radical da totalidade do ser humano em sua existência e experiência.

Assim, o motivo básico do eu tem uma natureza inescapavelmente religiosa. Ele é o guia interno do homem e dirige seu pensamento. Mas para Dooyeweerd (2018, p. 73, 76-94), o ser humano jamais encontrará dentro da própria diversidade modal o conhecimento de si mesmo e de Deus. Esses "modos" são simplesmente a estrutura criada por Deus para constituir a experiência humana nesse horizonte temporal. A busca humana é, enfim, frustrada pela direção de seu próprio coração, influenciado negativamente pela Queda, que faz com que o "motivo

base" do coração humano, existente em uma diversidade apóstata na história da humanidade, leve o homem para longe da verdadeira compreensão de si mesmo e da Criação.

Por essa razão, o motivo base cristão da "criação, queda e redenção em Jesus Cristo, em comunhão com o Espírito Santo" é aquele que deve guiar a experiência e o conhecimento humano tanto na filosofia como na teologia cristãs, em submissão à revelação sobrenatural da Palavra de Deus (Dooyeweerd, 2018, p. 166-171, 240-241). Na realidade, o ser humano, criado à imagem de Deus, deveria dirigir "[...] todas as funções e poderes temporais de sua existência e aqueles de seu mundo temporal integral a serviço de Deus [...]", amando a Ele acima de todas as coisas (Dooyeweerd, 2018, p. 169).

O pregador precisa, então, ter esse tipo de consciência holística e equilibrada da realidade, o que inclui sua teologia, os elementos de sua fé e sua filosofia. É preciso considerar o efeito de concepções limitadas e inadequadas da realidade, e levar em conta que seus resultados geram insuficiências, por exemplo, para áreas como a hermenêutica, a homilética e a epistemologia teológica. Por essa razão, não considerar adequadamente a validade e a diversidade das esferas de sentido da realidade resultará num forte impacto negativo para a pregação. Por isso, essa pesquisa tem se voltado a considerar algumas das relações das esferas modais com a comunicação do conhecimento de Deus, principalmente no que se refere a harmonia holística uma por meio de uma estética geral da pregação. Como exposto adiante, considerações sobre as relações intermodais das esferas da fé e da estética, aplicadas à teologia e à pregação, tornam-se relevantes e necessárias.

O EQUILÍBRIO E A BELEZA DA ARTE DE PREGAR: INTERAÇÃO ENTRE TEOLOGIA E ARTE COM IMPLICAÇÕES PARA A PREGAÇÃO BÍBLICA INTEGRAL

No campo da estética, tem se pensado a necessidade de uma reflexão sobre a contribuição da teologia para o mundo contemporâneo a partir da relação entre essa disciplina e a arte, entre Deus e a Beleza (Vilhena et Mariani, 2012, posição 73-78, 184, 203, 273, 281, 302-311, 334-342, 1632-1700). Porém, alguns têm distorcido e manipulado "[...] a concepção de beleza, destituindo a experiência estética de sua dimensão transcendental", porém, assim como própria verdade em si é uma realidade que inquieta o ser humano, pois ela é "[...] uma experiência que conduz à intuição de que Deus é a Verdade que confere coerência a tudo e torna a vida neste mundo inteligível, a beleza que nos arrebata indica também uma presença, remete a uma realidade total e abrangente passível de ser percebida como Beleza" (Vilhena; Mariani, 2012, posição 78-83).

A obra organizada por Vilhena e Mariani (2012, Posição 84-94) destaca elementos da arte e da teologia, as quais compartilham uma com a outra o caráter de harmonia e equilíbrio: "[...] o teólogo, ao lado e como artista, deve estar envolvido no anúncio da Beleza, que é unidade na diversidade, harmonia de contraste, percepção que nos enleva, confere sentido à vida e traz felicidade".

Segundo Vilhena e Mariani (2012, posição 125-241), a epistemologia teológica tem vários aspectos e envolve a relação da fé: com dados, com a atitude do crente e a sua relação com o mundo da vida, com a racionalidade, e com o sentido do ser de toda a realidade. Vilhena e Mariani (2012, posição 75, 203, 273, 281, 302-311, 334-342, 1632-1700) expõem uma série de princípios que relacionam arte e teologia, destacando características que conectam sua atividade com a verdade. Com relação a outras áreas, a arte possui um tipo de característica hermenêutica privilegiada no que se refere à compreensão que o ser humano

tem de si mesmo e do mundo. Por isso, a arte pode ser um ponto de partida para a atividade teológica, pois é parte natural da hermenêutica antropológica.

No campo da ontologia, o fenômeno artístico tem, ainda, uma conexão mais íntima com a teologia, no que poderia ser chamado de "metafísica teológica" (Vilhena; Mariani, 2012, posição 300-305). A articulação simbólica da arte tem paralelo e presença na própria teologia, pois esta última se realiza, algumas vezes, por meio de elementos artísticos, pois a própria teologia "[...] não é um método de aprisionamento do divino no discurso, mas um modo de dizer Deus, mantendo intocada a sua alteridade", uma alteridade que fascina e prende, como por exemplo, pelo conceito de sublime, próprio da tradição artística (Vilhena; Mariani, 2012, posição 208, 318-324). A arte pode trazer à teologia uma espécie de "encarnação da fé" (Vilhena; Mariani, 2012, posição 273-311, 334-342) e incorporar à comunicação teológica diversos elementos que são relevantes para a pregação.

A arte literária busca a expressão e a sensibilidade de contemplar o belo, nas palavras e significados. Para Vilhena e Mariani (2012, posição 184, 273-281, 297-311, 334-347), tanto a arte literária como a teologia buscam lidar com sentido e expressão da verdade objetiva, cada uma a seu modo e há certa reciprocidade entre arte e teologia, pois a própria comunicação religiosa costuma usar de elementos não meramente conceituais para exprimir seu testemunho de fé, inclusive para apresentar conteúdo normativo. Apesar disso, não se deve negar a respectiva autonomia e distinção entre arte e teologia. Arte e teologia jamais devem ser fundidas e confundidas.

A estética, tão presente na expressão artística, é significativa para o trabalho do pregador. Para Von Balthasar (2009, p. 37-42, tradução nossa), a estética teológica tem validade para o cristianismo, mas precisa ser aplicada com certa precaução, pois a teologia não deve ser "estetizada" "[...] ao trair e vender a

substância teológica aos pontos de vista atuais de uma teoria da beleza do mundo interior". Esse cuidado, contudo, não elimina a realidade da própria relevância da estética para a comunicação das Escrituras. Balthasar (2009, p. 46-48. Tradução nossa) diz ser insustentável a tentativa de explicar-se o caráter poético de grande parte do Antigo Testamento como algo que foi simplesmente resultado de aspectos históricos e culturais. A contemplação estética inspirada, presente nos registros dos autores bíblicos, lança uma luz sobre a história da salvação, tanto para frente como para trás. Essa luz permite a manifestação de dimensões únicas e sobrenaturais de modo especial.

Segundo Balthasar (2009, p. 48, tradução nossa), quando o Antigo Testamento é lido: "Estamos testemunhando a radiante formulação para dentro da consciência da dimensão estética, a qual é inerente a esta ação dramática única, uma dimensão que é o objeto apropriado de uma estética teológica".

De acordo com Johnson (2022, p. 92-94, 130-163, 320-343), a filosofia e a epistemologia hebraicas, presente tanto no Antigo como no Novo Testamento, possuem características peculiares que encontram paralelos relevantes inclusive com algumas filosofias de mundo contemporâneas. Algumas das características da filosofia e da epistemologia hebraicas possuem uma maneira própria de expressão e linguagem que buscam dar referência a "estruturas conceituais mais profundas" além da mera lógica formal. Na literatura bíblica hebraica, o conhecimento é disposto por meio de "práticas encarnadas" em direção a um conhecimento participativo. Para os hebreus antigos, a verdade era pessoal, mas isso nunca jamais significou para eles um tipo de relativismo ou subjetivismo. Por essa razão, o bom pregador leva a sério a estética artístico-teológica da Bíblia, sem negligenciar a profundidade de suas verdades proposicionais.

A ANALOGIA DA FÉ: CONTRIBUIÇÕES ESPECÍFICAS DAS RETROCIPAÇÕES DA ESFERA ESTÉTICA PARA A PREGAÇÃO

Pode-se concluir, então, que a pregação e a teologia cristãs devam se beneficiar, em certo nível, de alguns sentidos gerais do aspecto estético, comuns à arte, destacadamente a arte literária bíblica. Hans Rookmaaker (2018, p. 21-24), em sua obra “Filosofia e estética”, usa a Filosofia da Ideia Cosmonômica a fim de desenvolver uma teologia da arte.

Ao tratar da esfera estética, Rookmaaker (2018, p. 46-55) ressalta e desenvolve o pensamento de Dooyeweerd quanto ao sentido dessa esfera, a harmonia do belo, mencionando algumas retrocipações da modalidade estética nas outras esferas, como o relacionamento que essa esfera possui com a fé e com as outras esferas antecedem a esfera pística na ordem da Criação. A seguir, são citadas algumas das analogias que esse autor menciona.

Na esfera econômica, a estética demonstra a harmonia do belo por meio da eliminação dos excessos, pois: “Tudo que é esteticamente excessivo será esteticamente experimentado como supérfluo. [...] todo excesso deve ser evitado, mas também toda falta”; e, na esfera do simbólico, o que é verdadeiramente belo tem “algo a dizer”, pois a experiência da beleza deve ser comunicada para que seja atrativa no âmbito do subjetivo (Rookmaaker, 2018, p. 47-48). Nesse sentido, quanto à esfera estética, a pregação deve ser concisa, econômica, precisa e equilibrada. Sua comunicação deve ser significativa.

Nos aspectos numérico e lógico, Rookmaaker (2018, p. 49-51, 53) diz que a esfera estética manifesta sua beleza e harmonia na diversidade, na coesão, na sequência temporal lógica e na conexão entre as partes. Já no aspecto psíquico-sentimental, a estética levanta o sentimento pela beleza. Já a retrocipação da beleza na esfera psíquica pode ser percebida no estado de espírito e de expressão por meio do qual alguém pode exprimir a beleza ou a feiura. Desse modo, pode-se

dizer que a pregação deve ser dinâmica, diversificada, ordenada, conexa, inteligível. Ela deve conter o tipo adequado de progressão, conforme seja necessário à comunicação do conteúdo bíblico e de sua apreensão pelos ouvintes. Além disso, o sermão deve ser uma expressão sensível, de modo a transmitir o "sentimento de beleza" da verdade.

Na esfera cinemática, a harmonia da beleza tem uma analogia que pode ser evidenciada pelo movimento e causalidade estéticos (Rookmaaker, 2018, p. 51). Por isso, o pregador deve estar atento ao movimento das ideias e expressões, pois a pregação não deve ser demasiadamente estática, passiva e inerte, nem mesmo instável ou ter uma variabilidade excessiva. O movimento estético do sermão deve ser pensado com cuidado e equilíbrio. Além disso, diz Rookmaaker (2018, p. 55), no aspecto da moral, que é caracterizado pelo amor, a estética manifesta-se verdadeiramente pela apreciação daquilo que é nobre, que revela a beleza por meio do amor a Deus e ao próximo. Nesse caso, a pregação une beleza e bondade.

Além dessas analogias, é importante mencionar que, quando a realidade é adequadamente considerada sob o motivo básico da fé cristã, a esfera estética encontra "[...] sua referência última ao significado supratemporal do belo em Cristo, como raiz da nova humanidade" (Rookmaaker, 2018, p. 53). A partir de Dooyeweerd, Rookmaaker (2018, p. 145-150) afirma que todas as estruturas na criação funcionam, em certo nível, dentro da esfera estética, e todas as coisas têm beleza, mas isso não quer dizer que todas elas sejam belas, pois algumas são feias, já que a estética dessas possui negações das normas da beleza. Com base na percepção desses autores, para quem a estética também se relaciona ao equilíbrio e ao estilo da expressão, pode-se dizer que o bom pregador precisa ter uma homilética capaz de destacar a feiura e a desarmonia do mal, considerando a beleza da pessoa e obra de Cristo.

A APRECIAÇÃO INTEGRAL DA BELEZA DE DEUS: UM CONCEPÇÃO HOLÍSTICA DOS ASPECTOS MODAIS PARA TEOLOGIA DA PREGAÇÃO

Nesta pesquisa, tem-se destacado a importância das relações entre as esferas modais para a teologia, especialmente levando-se em conta a harmonia holística que a estética pode promover à epistemologia e à expressão na pregação. A partir de então, esse artigo irá considerar a teologia de alguns autores a fim de identificar neles várias dessas relações que podem ser estímulos aos expositores bíblicos para que busquem produzir pregações mais orgânicas e ricas no que se refere às analogias das esferas modais.

Por exemplo, pode-se apontar a relação entre as esferas econômica, pística e psíquica na teologia de John Piper (2006, p. 20) que diz que, em nossos dias, é fácil perder-se o senso de admiração e maravilhamento diante do valor eminentemente qualitativo das boas novas do evangelho. Além disso, os conceitos, na esfera lógica, são indispensáveis para a exposição bíblica, pois, como diz Piper (2006, p. 20, 22-23), a doutrina, ou seja, o ensino, o esclarecimento, a explicação do evangelho tem um papel importante na percepção das boas notícias em Jesus Cristo; por isso, as boas-novas do evangelho devem ser “[...] abertas como um cofre de tesouro; e todas as suas preciosidades expostas para o gozo do mundo”, pois são “ricas, abundantes e maravilhosas”.

Para Piper (2006, p. 23), a devida apresentação da doutrina expõe o precioso valor do evangelho e protege as pessoas dos enganadores, pois “[...] coloca em ordem as joias da verdade do evangelho no tapete vermelho da história, de modo que cada uma delas seja vista em seu mais belo lugar”. Logo, o arauto do evangelho faz isso com profunda reverência, “com sua cabeça curvada em admiração de que lhe tenha sido permitido falar sobre as coisas de Deus”, enquanto “seus dedos tremem ante a preciosidade daquilo que está manuseando”.

Apesar de destacar a importância do papel intelectual no anúncio das verdades de Deus, Piper (2006, p. 22-23) afirma que o evangelho não se trata simplesmente de algo a ser explicado. A explicação é necessária, mas não o fim em si mesmo, pois "a doutrina serve ao evangelho". Afinal, qual é o bem supremo que torna o evangelho em boas-novas diante daqueles que o compreendem, recebem-no pela fé e prostram-se diante do seu anúncio? É nada mais, nada menos que o próprio Deus e seu amor. Deus mesmo! Ele é o alvo e o fundamento supremo das boas-novas do evangelho. Quando alguém se desvia deste alvo, ou seja, de um relacionamento adequado com pessoa de Deus, o evangelho é privado de todo verdadeiro bem. Ele perde a sua verdadeira beleza e sentido.

Ao desenvolver essa afirmação, Piper (2006, p. 25, 26-38) considera ser possível que, em alguns casos, mesmo diante do anúncio dos vários aspectos verdadeiros do evangelho, o bem maior e final que o qualifica como boas-novas possa ser desconsiderado e perdido. "As múltiplas glórias do evangelho são belas. Mas, esse não é exatamente o ponto. Se a beleza transcendente não for vista – ou seja, a beleza da glória de Cristo – então, o alvo do evangelho não é atingido" (Piper, 2006, p. 25). O pregador pode usar uma estética teológica, de modo consciente e contínuo, para comunicar nos sermões a beleza e a glória de Deus e de Cristo.

Após discorrer sobre os vários elementos que estruturam a realidade fundamental do evangelho, Piper (2006, p. 26-38, 40, 43-44,195-198) resume esse ponto ao afirmar que todos eles se concentram em levar o pecador a enxergar e aceitar a Deus mesmo como seu verdadeiro gozo. Apenas aceitar os dons e regozijar-se em algumas das recompensas de Deus não é alcançar o fim para o qual o evangelho foi dado aos seres humanos. A razão sublime pela qual ele foi dado é para que as pessoas contemplem e adorem desde agora e até a eternidade a glória de Deus em Cristo, enquanto são transformadas para tornar-se o

tipo de pessoa que se deleita em Deus e que manifesta a suprema beleza e grandeza Dele por meio de suas vidas. Nesse ponto, a pregação conecta vários aspectos modais, como os aspectos estético, psíquico-emocional e moral, unidos na expressão tangível e real do amor a Deus.

Desse modo, verdade, bondade e beleza devem permanecer unidas, de fato, na teologia e na pregação, com o objetivo de expressar o excelso conhecimento de Deus às pessoas, por meio de homiléticas adequadas e integrais. O equilíbrio e abrangência da tríade clássica pode ser um forte auxílio para o direcionamento do trabalho do pregador. Por isso, é essencial discordar fortemente de autores que seguem a percepção contemporânea de beleza, ao optarem por um conceito subjetivista, contrário à visão da estética clássica, que valoriza simetria, ordem, proporção, equilíbrio, unidade e harmonia. Há uma verdade objetiva sobre a beleza e essa verdade não deve ser distorcida pelo pregador ao buscar uma aproximação com o sistema do mundo que está distante da concepção cristã.

Por exemplo, Scott Wilson (2023, p. 43-48, 50), em sua proposta homilética, sugere ao pregador certos “cuidados” ao lidar publicamente com o conceito de beleza, que ele desenvolve de um modo submisso e centralizado no ouvinte. Assim, esse autor não destaca o valor objetivo da realidade da beleza; em vez disso, ele dirige sua energia a aconselhar os pregadores a buscarem um tipo de coerência com a visão pública de beleza. Contudo, como já discutido, a estética e a beleza são elementos que conectam a subjetividade pessoal à objetividade da realidade proposta pela mente de Deus. Assim, deve-se levar a sério o papel da estética para a pregação, mas sem ignorar sua relação objetiva com a verdade e a bondade.

Bruyn (2015, p. 121-123) ressalta que uma das grandes diferenças entre igrejas cristãs notoriamente conservadoras e as igrejas menos conservadoras

são as visões distintas que estas últimas têm quanto à questão da beleza e das afeições religiosas. Segundo ele, é comum que algumas igrejas na pós-modernidade lutem contra o relativismo e o pluralismo, a fim de conservarem tanto aquilo que é verdadeiro como o que é correto; apesar disso, quando se trata do que é Belo, o subjetivismo tem afetado o julgamento geral de muitas igrejas. Assim, a partir de pregações deficientes, essa visão deturpada e subjetivista da beleza afeta diretamente o desenvolvimento e expressão das afeições religiosas, promovendo inclinações nocivas.

A IMPORTÂNCIA DA GLÓRIA CATIVANTE DE DEUS PARA A PREGAÇÃO: O CONHECIMENTO E O PODER SOBERANO NA COMUNICAÇÃO DA BELEZA

Além de destacar o real sentido holístico dos vários elementos da pregação, dentre a diversidade dos aspectos modais da realidade, o presente estudo tem considerado também a importância da estética para a hermenêutica bíblica, a homilética cristã e a epistemologia teológica. A proposta é que a pregação deve comunicar a riqueza objetiva e subjetiva da glória de Deus em Cristo, por meio da exposição das Escrituras que considere a estética.

No que se refere à prática de pregação, diversas abordagens têm sido propostas. Contudo, é preciso salientar que os métodos homiléticos são úteis e válidos para isso somente se não ofuscarem a luz das doutrinas das Escrituras, o qual destaca diretamente a supremacia de Deus e o conhecimento das Pessoas da Divina Trindade. Métodos são necessários e inevitáveis em todas as atividades humanas. Contudo, não se deve ignorar que as metodologias e ênfases assumidas por cada pregador são resultados de suas concepções teoréticas particulares quanto à realidade e à fé, seja de modo consciente ou inconsciente.

Não é o pregador ou mesmo o ouvinte que definem a pregação. Apesar de que a homilética conta com os aspectos da personalidade de cada pregador, e

que Deus usa as particularidades especiais de cada um, a Palavra de Deus tem um poder peculiar próprio que se origina na Trindade e visa a glória de Deus, não do pregador e de suas metodologias.

É exatamente isso que John Piper (2003, p. 18-19, 22-24) defende, ele proclama a "supremacia de Deus na pregação". Para ele, o pregador tem o trabalho humanamente impossível de levar o reino soberano de Deus ao coração humano, para que este aguarde o momento escatológico no qual esse reino encherá definitivamente toda a Terra. Piper (2003, p. 24) diz que: "A única submissão que reflete em sua totalidade o valor e a glória do Rei é a submissão prazerosa" e a proclamação do arauto cristão tem o alvo de "[...] arrebatar nosso afeto com exibições irresistíveis de glória", mas isso não quer dizer apenas emocionalmente. Esse trabalho, segundo o apóstolo Paulo (2 Co 2.16), é algo que está fora do alcance próprio do ser humano, seja do pregador seja do próprio ouvinte.

De acordo com Piper (2003, p. 36-37), Paulo pregou com reverência humilde "[...] diante da glória do Senhor, quebrado em seu orgulho inato, crucificado com Cristo, evitando os ares da eloquência e do intelecto", estritamente dependendo do poder do Espírito Santo. Contudo, Piper (2003, p. 37-40, 48-50, 52, 59, 101, 106-107) diz que isso não exclui o cuidado adequado do pregador com a linguagem, pelo contrário, requer uma integridade muito maior, inclusive tomando cuidado com o subjetivismo epistemológico, que tem afetado a hermenêutica e o estilo de alguns pregadores.

Assim, é o conteúdo objetivo e sobrenatural da Palavra de Deus que deve ser transmitido pelo pregador aos ouvintes. Contudo, pregador algum tem capacidade para acessar diretamente o coração de seus ouvintes e nele implantar qualquer ideia espiritual verdadeira, essa é uma competência que pertence apenas a Deus. Por isso, esse artigo não propõe qualquer método de pregação como

absoluto, mas tal pesquisa sobre os princípios presentes na tríade verdade, bondade e beleza é pertinente para uma homilética mais robusta. A homilética, no entanto, não tem poder próprio. É Deus quem comunica de si ao homem. Método algum, seja estético ou não, será capaz de se sobrepor à "iluminação" divina.

Esse é um tema explorado na teologia de um dos puritanos mais famosos. Em um de seus sermões, Edwards (2016, posição 104) diz que Deus é o autor de todo conhecimento e compreensão espiritual genuíno e verdadeiro. Isso leva à pergunta: qual a relação da verdade de Deus com a comunicação sobrenatural de sua beleza? Essa pergunta tem implicação significativa para a estética epistemológica da pregação.

No sermão mencionado acima, por meio de Mateus 16:17, o texto da confissão de Pedro, Edwards (2016, posição 86-180) destaca o aspecto imediato e intuitivo da transmissão desse conhecimento ao homem por meio do Espírito Santo. Ele diz que se esse conhecimento dependesse de causas ou meios naturais (como as capacidades intelectuais apresentadas pelos fariseus e escribas, no contexto da passagem), uma pergunta ainda permaneceria: como Pedro e os discípulos, com considerável desvantagem "acadêmica", poderiam ter chegado à conclusão verdadeira sobre Jesus?

Edwards (2016, posição 86-180) dá resposta a essa pergunta ao dizer que o conhecimento em questão, destacado em Mt 16.17, só foi possível devido à influência e à revelação graciosa e distintiva do Espírito de Deus. O que esse puritano diz é que meros meios e capacidades humanas não são suficientes para a transmissão do conhecimento de Deus. Edwards (2016, posição 154-159, tradução nossa) aponta que esse conhecimento imprimido por Deus diretamente na alma do homem não é algo simplesmente imaginativo, mas uma verdade, que "[...] muito comumente, [pode] afetar bastante a imaginação; para que impressões

de beleza ou brilho exterior possam acompanhar essas descobertas espirituais"; contudo, a própria luz espiritual não é a impressão em si mesma. A luz espiritual é algo demasiadamente diferente dessas impressões de beleza. Estas são produzidas pela luz divina.

Isso traz implicações para a metodologia da pregação. Por meio de uma comunicação imaginativa, os métodos podem contribuir com a expressão da beleza, a fim de que certas impressões sejam causadas. Contudo, os métodos não devem ser vistos como soberanos, mas devem contribuir para a comunicação precisa das verdades expressas na Palavra de Deus.

Edwards (2016, posição 86-180, tradução nossa) reforça essa ideia ao dizer que a luz do verdadeiro conhecimento espiritual não é a própria impressão, já que nem sempre tais impressões são necessariamente divinas, pois o próprio diabo, transfigurando-se em anjo de luz, pode causar nas pessoas imaginações que elas consideram como exteriormente belas, visivelmente gloriosas. Contudo, tais imaginações não possuem a qualidade espiritual própria da luz divina. A luz espiritual que imprime o conhecimento de Deus nas pessoas é a atuação divina direta que dá aos seres humanos a devida apreensão das verdades já ensinadas na Bíblia, a Palavra de Deus. A verdadeira luz espiritual, de forma alguma, é uma mera experiência de percepção ou afeição religiosa em si, ou mesmo simples afetações emocionais devido a questões religiosas. Portanto, o pregador deve admitir que os métodos são limitados.

Para Edwards (2016, posição 174-180, tradução nossa), tal luz espiritual é um sentido verdadeiro da excelência divina das coisas reveladas na Palavra de Deus. Ela promove uma convicção única a partir da verdade e da realidade de tais coisas, as quais exprimem a glória da pessoa de Deus e Jesus Cristo – ou seja, a partir de sua obra redentiva e dos caminhos e obras de Deus revelados no evangelho, por meio das Escrituras.

Edwards (2016, posição 179-184) destaca que a pessoa que é espiritualmente iluminada apreende e vê verdadeiramente, pois tal pessoa "[...] não apenas acredita racionalmente que Deus é glorioso, mas [também] tem uma noção da glória de Deus em seu coração", pois, para ela, "[...] não existe apenas uma crença racional de que Deus é santo e de que a santidade é uma coisa boa, mas [além disso] também existe um sentido da beleza da santidade de Deus". Na verdade, diz Edwards (2016, posição 174, tradução nossa) "carne e sangue" podem até produzir certos efeitos na alma humana, pois "[...] um homem pode dar a outro uma visão comovente das coisas divinas, [...], mas apenas o próprio Deus pode dar uma descoberta espiritual delas". Portanto, todo pregador deve ter certa humildade homilética.

Nesse ponto, o autor acima citado leva em conta os dois aspectos gerais relacionados ao conhecimento de Deus, que interagem com essa pesquisa dentro da tríade clássica, ou seja, o elemento objetivo e o subjetivo, que precisam estar adequadamente presentes na pregação. Edwards (2016, posição 184-189, tradução nossa) diz que: "Existe um conhecimento ou entendimento duplo do bem que Deus capacitou a mente humana a receber"; o primeiro é aquele que equivale meramente à noção especulativa e conceitual e leva às pessoas a refletirem sobre o conhecimento de algo, como alguém que tem um julgamento racional sobre a doçura do mel; o segundo aspecto consiste no sentido do coração, que equivale à noção pessoal dessa doçura, e esse conhecimento do coração ocorre "[...] quando há um sentido de beleza, amabilidade ou doçura de uma coisa; para que o coração seja sensível ao prazer e ao deleite na presença da ideia referente a essa coisa".

Para Edwards, (2016, posição 189-199), no primeiro aspecto, tem-se apenas a faculdade do entendimento racional. No segundo, entra em cena, principalmente, a vontade, ou seja, disposição da alma, a inclinação do coração. Portanto, há

uma diferença significativa entre o ter uma opinião de que Deus é santo e misericordioso e o ter um senso da beleza da santidade e da graça de Deus. Como no caso do mel, um homem pode ter apenas o primeiro conhecimento sem ter o segundo, se nunca tiver provado seu sabor. Contudo, não é possível ter verdadeiramente este último tipo de conhecimento, o subjetivo, a menos que tal pessoa tenha experimentado a ideia do sabor do mel em sua mente. Assim, há uma diferença essencial entre o mero raciocínio especulativo, em que se julga qualquer coisa como excelente, e ter uma noção real de sua doçura e beleza.

Na concepção de Edwards (2016, posição 194-199, tradução nossa), o primeiro aspecto concentra-se na mente, mas o coração está focado no segundo, de modo a afetar seu interesse: "Quando o coração é sensível à beleza e à amabilidade de uma coisa, ele necessariamente sente prazer na [sua] apreensão". Quando a ideia de tal doçura e aprazimento afeta a alma, isso implica na profunda sensibilidade ao "encanto" ou amabilidade diante de tal beleza, o que é muito diferente da mera opinião racional que se tem de algo como excelente, pois, além do aspecto racional, essa luz também produz na alma humana uma inclinação que é resultado dessa percepção convicta da verdade, que veio a ser adquirida.

Talvez pareça que Jonathan Edwards centralize o conceito bíblico de coração e fé na mera experiência pessoal e emotiva, sem destacar a solidez do fundamento intelectual e objetivo do conhecimento de Deus; porém, não é esse o caso. Como expresso acima, ele considera que os conhecimentos objetivo e subjetivo estão interligados. Isso está explícito na necessidade que o ser humano possui quanto ao entendimento da revelação de Deus, acessível fundamentalmente por meio das Escrituras. Edwards (2016, posição 200-242) diz que os preconceitos que habitam o coração humano, e que são contrários à verdade das coisas de Deus, devem ser removidos pela luz divina, e só então "a mente se torna suscetível à devida força dos argumentos racionais em direção a sua verdade".

A iluminação está intimamente ligada à verdade das Escrituras, e Edwards (2016, posição 200-204, tradução nossa) diz que, quando uma pessoa descobre, de fato, a excelência divina das doutrinas cristãs, sua mente é libertada da inimizade contra Deus e seu evangelho, pois a luz divina "[...] santifica a razão, e faz com que ela fique aberta à força dos argumentos a favor da sua verdade". E essa luz não apenas remove os obstáculos que impedem a razão humana de obter o conhecimento de Deus, ela também ajuda positivamente a razão ao tornar as noções objetivas mais vivas e ao engajar a atenção da mente, com tenacidade e intensidade, esclarecendo o pensamento (Edwards, 2016, posição 204-242, tradução nossa). Por isso, uma homilética que considere o fator estético da comunicação da verdade Deus deve estar submissa à soberania divina na iluminação. Nenhuma capacidade homilética, incluindo a percepção estética, é capaz de se sobrepor à realidade da ação divina em comunicar a verdade.

Segundo Edwards (2016, posição 210), assim como a luz do sol, que proporciona a contemplação das verdadeiras formas e relações mútuas próprias dos objetos, em contraste com alguém que vê sob a fraca luz das estrelas ou do crepúsculo, a luz espiritual é também esclarecedora. E essa luz mostra que a excelência superlativa da verdade expressa na Palavra de Deus possui uma beleza que é distintamente celestial e divina, em evidente contraste com as coisas meramente humanas, como afirma Edwards (2016, posição 215-242). Essa convicção da verdade da religião não pode ser produzida por meios humanos. Ela é a verdadeira convicção espiritual que existe com base na fé salvadora. Mesmo assim, isso não significa que as faculdades naturais não estejam envolvidas ativamente na captação dessa luz espiritual, um ponto que Edwards também desenvolve em seu sermão.

Desse modo, o esforço metodológico do pregador deve levar em conta tanto uma homilética abrangente, como também a ação do Espírito Santo, diante da

real importância da iluminação, ou seja, do fenômeno sobrenatural de caráter duplo que ocorre no processo de percepção espiritual do homem sobre o conhecimento de Deus e de sua glória. O esforço do pregador para comunicar o conhecimento de Deus aos ouvintes deve considerar, ao mesmo tempo, a ação soberana de Deus e os meios por Ele estabelecidos para esse fim. O pregador deve estar ciente da diversidade de aspectos modais relacionados ao conhecimento teológico e à fé, bem como deve usar métodos adequados e integrais. Assim, a harmonia do belo presente na estética pode contribuir como estrutura geral da pregação, em busca de um equilíbrio homilético e teológico, observado na tríade clássica “verdade, bondade e beleza”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as características estéticas das Escrituras, os aspectos especiais de sua comunicação e a diversidade de sentido modal da criação, o pregador precisa de um contínuo aprimoramento em seus conhecimentos técnicos e percepções da realidade. A relação da verdade de Deus com a comunicação de sua beleza deve instigar o pregador a ser um bom esteta, pois, considerando-se as relações epistemológicas da verdade com a imaginação, a estética é uma forte parceira na comunicação teológica holística e harmônica.

A partir de uma estética teológica abrangente, a beleza e a glória de Deus podem ser proclamadas na pregação, para contemplação, conforto, confrontação e conformação (santificação) do seu povo. Assim, a boa pregação busca, pelo Espírito Santo e pela verdade bíblica, afetar o ser humano como um todo, mas sem ser escrava de métodos e psicologismos. Conforme a antropologia bíblica, a sensibilidade estética faz parte do coração humano, como também a mente e a consciência, pois Deus criou o homem com essas características. Assim, verdade, bondade e beleza são elementos da revelação de Deus que estão interli-

gados e são essenciais. Por isso, esse equilíbrio holístico não deve ser negligenciado pelo pregador.

Apesar dos destaques dados a algumas das analogias da fé nos demais aspectos modais, a intenção deste trabalho não foi sujeitar o cristianismo e a pregação a qualquer uma delas. Alguns aspectos modais são, de fato, mais importantes para a pregação do que outros. Contudo, a própria experiência humana é, de um modo geral, complexa. A revelação objetiva e subjetiva da verdade, da bondade e da beleza de Deus em Cristo está ancorada firmemente na vasta diversidade de aspectos da Criação; e a comunicação e a vivência da Palavra de Deus é uma atividade desafiadora e ampla, que, em essência, depende da ação do próprio Deus.

A aparente ênfase dada, neste trabalho, a alguns aspectos modais, como o psíquico-sensitivo e o estético, não significa que estes sejam o cerne da teologia da pregação ou o centro da vida cristã. De fato, esses sentidos da fé são essenciais e indispensáveis, mas, ainda assim, não se deve ignorar o valor fundamental dos aspectos comuns da vida cristã ordinária. Por vezes, a grandeza e a beleza de Deus podem parecer algo distante, e a pregação deve levar em conta a realidade da experiência humana num mundo caído e irregular. Para aprofundar uma reflexão sobre esse tema, sugere-se um diálogo entre as obras “Simplesmente crente”, de Michael Horton, e “Em busca de Deus”, de John Piper.

Nesse sentido, o pregador deve conscientizar seus ouvintes de que a experiência nesse mundo é mediata por todos os aspectos modais e que, ainda assim, ela permanece incompleta e deficiente em vários momentos. Contudo, a própria riqueza da diversidade de sentidos modais e suas relações com outras esferas pode contribuir com a sustentação da fé. O Deus Trino pode fazer com que a fé, quando em crise, mantenha-se perseverante, às vezes, por meio de um aspecto modal específico, às vezes, de outro, seja a lógica, as emoções, a lei e

o amor, os relacionamentos ou, até mesmo, a própria confiança do sentido pístico da fé. Além disso, o pregador deve ter em mente os diferentes tipos de personalidade das diversas pessoas, pois alguns desses aspectos são mais notórios em algumas pessoas que em outras.

As características do ouvinte têm certa importância para a homilética, contudo, como enfatizado nesta pesquisa, o ser humano não deve se tornar o centro da pregação. O verdadeiro esforço do pregador deve ser expressar a glória de Deus em sua diversidade, para que o conhecimento divino alcance a real necessidade da alma dos ouvintes. Para o sucesso do trabalho do pregador, é importante o uso de métodos homiléticos adequados à comunicação da verdade, da bondade e da beleza de Deus expressas nas Escrituras e na revelação geral; porém, a dependência da ação iluminadora soberana de Deus é indispensável.

A comunicação entre arte e teologia pode ser, até certa medida, uma parceria produtiva para a pregação. Diante da complexidade das Escrituras e da experiência humana com Deus, o desafio homilético e epistêmico da pregação deve conduzir aquele que proclama as verdades bíblicas ao mundo contemporâneo a refletir sobre os elementos linguísticos de seu sermão. A oratória é uma forte aliada para isso, contudo, não deve ser demasiadamente exaltada.

De modo geral, é bastante válida a contribuição que a filosofia pode dar à teologia e à pregação, especialmente no que se refere, por exemplo, à epistemologia, à estética e à filosofia da linguagem. Embora não seja normativa para a teologia, ela é inescapável, pois todo pregador segue uma filosofia. Dado o enorme desafio da pregação, que envolve múltiplas áreas do conhecimento, o pregador deve aproveitar as percepções que Deus distribuiu ao longo da história, avaliando com cuidado quais são adequadas e quais comprometem a centralidade e a supremacia de Deus nas Escrituras.

REFERÊNCIAS

BALTHASAR, Hans Urs von. **The glory of the Lord**. A theological aesthetics. Volume I: Seeing the form. San Francisco: Ignatius Press, 2009.

Bíblia sagrada. **Nova Almeida Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BRUYN, David de. **A igreja conservadora**. São Paulo: Editora Batista Regular, 2015.

CROCE, Benedetto. **Estética como ciência da expressão e da linguística geral**: teoria e história. São Paulo: É Realizações, 2016.

DOOYEWEERD, Herman. **Raízes da cultura ocidental**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

_____. **No crepúsculo do pensamento ocidental**: estudo sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2018.

EDWARDS, Jonathan. **The Sermons of Jonathan Edwards**: a collection of over one hundred of his best sermons. Amazon.com. 2016. Edição do Kindle.

KALSBEEK, L. **Contornos da filosofia Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

JOHNSON, Dru. **Filosofia bíblica**: a origem e os aspectos distintivos da abordagem filosófica hebraica. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

PIPER, John. **Deus é o evangelho**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2006.

_____. **Supremacia de Deus na pregação**. São Paulo: Shedd Publicações, 2003.

ROOKMAAKER, Hans R. **Filosofia e estética**. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2018.

RYKEN, Leland. **Para ler a Bíblia como literatura**. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

_____. **Uma introdução literária à Bíblia**. São Paulo: Vida nova, 2023.

SCRUTON, Roger. **Beleza**. São Paulo: É Realizações, 2013.

VANHOOZER, Kevin. **Há um significado neste texto?** Interpretações bíblicas: enfoques contemporâneos. São Paulo: Editora Vida, 2005. Edição Kindle.

VILHENA, Maria Ângela; MARIANI, Ceci Baptista. **Teologia e arte**: Expressões de transcendência, caminhos de renovação. Paulinas, 2012. Edição do Kindle.

WILSON, Paul Scott. **Pregar como poesia**. Como proclamar a beleza, bondade e verdade do evangelho. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2023.